



## **DISCIPLINA COERCITIVA: RELATO DE ESTUDANTES UNIVERSITARIOS BRASILEIROS COERCIVE DISCIPLINE: ACCOUNTS OF BRAZILIAN UNIVERSITY STUDENTS**

**Lidia Natalia Dobrianskyj Weber**

Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil

[lidiaw@uol.com.br](mailto:lidiaw@uol.com.br)

[www.lidiaweber.com.br](http://www.lidiaweber.com.br)

**Tatiana Dobrianskyj Weber**

Curso de Psicologia da Universidade Positivo, Curitiba, Brasil

*Fecha de Recepción: 25 Febrero 2014*

*Fecha de Admisión: 30 Marzo 2014*

### **ABSTRACT**

Socialization strategies used by parents are part of a relevant and systematic current field of research. One of its main areas focuses on the use and consequences of coercive techniques used by parents, as recent data continues to indicate that these strategies are still very common today. The object of this study was to verify the prevalence of receiving coercive disciplinary practices by means of the retrospective accounts of differing university students in the city of Curitiba, Brazil. 400 participants answered a wide-ranging questionnaire investigating practices used by their parents when they were approximately ten years old; the instrument also analysed the student's opinions about disciplinary practices they would have with their own children. The results show that the absolute majority of participants reported having been smacked and spanked by their mothers and fathers and there was positive and statistically significant correlation between receiving coercive discipline and the belief that such practices are efficacious in bringing up children. There was no significant difference between receiving coercive discipline and the marital situation of their parents, although participants whose parents were married reported that they thought such discipline was fairer, when compared to those whose parents were separated. A considerable percentage of participants reported having been beaten, both by their mothers and their fathers, with objects such as belts and brushes, but there is no data showing correlation between the use of these practices and the level of their parents' education. The implications of the use of coercive techniques and corporal punishment are discussed and the relationships between parental behaviour and their children's opinions about bringing up their own children are shown. Physical punishment is still much used currently and is a controversial subject owing to the fact of parents believing that how they bring up their children is their affair and they are not open to laws or rules dictated by others.

Keywords: parenting practices; coercion; family; corporal punishment.



## RESUMO

As estratégias de socialização utilizadas pelos pais fazem parte de um relevante e sistemático campo de pesquisa atual. Um dos focos principais estuda a utilização e as conseqüências das técnicas coercitivas utilizadas pelos pais, pois dados recentes continuam apontando que tais estratégias ainda são muito comuns na atualidade. O objetivo da presente pesquisa foi verificar a prevalência de recebimento de práticas disciplinares coercitivas por meio do relato retrospectivo de diferentes estudantes universitários da cidade de Curitiba, Brasil. 400 participantes responderam um amplo questionário que investigava as práticas utilizadas por seus pais quando eles tinham aproximadamente dez anos de idade; o instrumento também analisou as opiniões dos estudantes sobre práticas disciplinares que teriam com seus próprios filhos. Os resultados mostram que a maioria absoluta dos participantes relatou que já havia recebido palmadas e surras da mãe e do pai e houve correlação positiva e estatisticamente significativa entre o recebimento de disciplina coercitiva e a crença de que essas práticas são eficazes para educar crianças. Não houve diferença significativa entre recebimento de práticas coercitivas e a situação conjugal dos pais, mas os participantes com pais casados relataram que achavam a disciplina mais justa do que aqueles com pais separados. Uma porcentagem considerável de participantes relatou que já apanhou, tanto da mãe como do pai, com objetos como cintos e escovas, mas não há dados que mostrem correlação entre a utilização dessas práticas e o nível educacional dos pais. As implicações do uso de técnicas coercitivas e de punição corporal são discutidas e mostradas as relações entre o comportamentos dos pais e as opiniões dos filhos acerca de educados de filhos. Atualmente, o castigo físico ainda é muito utilizado e polemizado pelo fato de pais acharem que podem decidir o que quiserem na educação dos seus filhos sem que outros ditem leis ou regras.

Palavras-chave: prática educativas parentais; coerção; família; punição corporal.

## INTRODUÇÃO

A utilização de praticas parentais coercitivas ainda se faz presente nos dias atuais e esta maneira aversiva de socializar uma criança está enraizada nas mais diferentes culturas. Espancar, bater, dar uma surra, pode aliviar a frustração, ansiedade, raiva ou preocupação dos pais em determinado momento e pode fazer com que momentaneamente aquele comportamento indesejado desapareça. Este aspecto do imediatismo faz com que tais estratégias pareçam adequadas aos olhos dos pais que não param para pensar nas conseqüências que podem ocorrer. A ciência mostra que punição física é o método menos eficaz de disciplina (Skinner, 1976) e é importante ressaltar a importância desse debate, pois a punição corporal tem uma forte conexão com o abuso (Straus, 2000) e com a associação com numerosas conseqüências negativas (Gershoff, 2002). A utilização desse tipo de disciplina, em especial as famosas palmadas, não tem necessariamente uma natureza diferente de outros tipos de violência, mas faz parte de um *continuum* que pode levar a atos mais graves; pode ser apenas a parte inicial de uma escala (Straus, 2014; Weber, Viezzer & Brandenburg & Zocche, 2002; Weber, Viezzer, Brandenburg, 2004).

Um aspecto problemático da punição física refere-se ao princípio de qualquer punição: ela não mostra o que deve ser feito, apenas o que não deve. A punição enfoca o erro e não ensina o certo (Bettner & Lew, 2000), então a criança aprende que é errado tomar tal atitude, mas não se aprende o porquê e nem o que deve ser feito no lugar do erro. “Quando muito, punição somente o ensina o que não fazer” (Sidman, 1995, p. 60). Além de não ensinar o correto, muitas vezes a punição é apenas utilizada como conseqüência em si: não serve para mostrar nem o erro, serve para aliviar a raiva e o fato de os pais não saberem como agir. Faz parte do que se denomina de coerção, que é o uso de punição ou ameaça de punição com o objetivo de que o outro faça o que se deseja. A puni-



ção corporal pressupõe que o outro sinta dor. A coerção pressupõe uma hierarquização de poder, envolvendo sempre alguém que manda e alguém que obedece. Portanto, ela inevitavelmente, provoca raiva e sentimento de injustiça nas crianças. Os pais podem utilizar essa punição para redirecionar aos filhos suas irritações presentes ou mesmo passadas (pais que apanharam na infância) e, desta forma, tornam a agressividade um círculo vicioso (Cornet, 1997). Parece evidente, fica ainda mais evidente o caráter pernicioso da punição corporal. Na verdade, o problema encontra-se no impreciso limiar entre método disciplinar e agressão infantil. Frias-Armenta (1999) afirma que os pais não têm consciência do limite entre punição física disciplinar e abuso infantil e, assim, a passagem da palmada para a agressão é extremamente frágil e um fator de risco para o abuso (Whipple & Richey, 1997; Straus, 2001).

Pode-se dizer que, em muitos casos, a falta de controle dos pais surge pelo fato de eles não saberem como agir em determinadas circunstâncias e por terem, eles próprios recebido esse tipo de disciplina. A tarefa de socializar uma criança é das mais complexas e faz sentido dizer que os pais precisam ter acesso ao conhecimento de práticas educativas positivas que sejam eficazes para criar e manter um repertório de comportamentos adequados, desenvolver habilidades sociais e manter uma dinâmica familiar com afeto e compromisso. É preciso mostrar à sociedade que a mudança é necessária para escapar de um círculo vicioso milenar e que pode levar à transmissão intergeracional. Para tanto, é mister enfatizar as conseqüências provocadas pela disciplina coercitiva como revelam as pesquisas a seguir.

A maioria absoluta das pesquisas empíricas com mundiais mostram resultados que associam fortemente a utilização da punição corporal com prejuízos ao desenvolvimento global de crianças e adolescentes. Mathurin, Gielen & Lancaster (2006) afirmam que quanto maior a variedade de punição corporal utilizada com os filhos, mais agressivos, hostis e emocionalmente instáveis eles se tornam. Franiek & Reichle (2007) sustentam a hipótese de que o comportamento inconsistente dos pais e a punição corporal tornam as crianças agressivas. Nelson & Coyne (2009) e Berlin, Ispa, Fine, Malone, Brooks-Gun, Brady-Smith, Ayoub & Bai (2009) concordam que a punição corporal é um fator de risco para a hostilidade e agressividade dos filhos. Ulman & Straus (2003) indicam que quando não há uso de punição corporal pelos pais, a violência de seus filhos contra eles é muito rara. Harper, Brown, Arias & Brody (2006), em contrapartida, indicam que crianças que apanham da mãe podem não desenvolver comportamentos agressivos se tiverem suporte do pai.

Algumas pesquisas empíricas apontam para a relação entre o recebimento de punição corporal e o desenvolvimento de sinais de depressão (Afifi, Brownridge, Cox & Sareen, 2006; Fergusson, Boden & Horwood, 2008; Leary, Kelley, Morrow & Mikulka, 2008). Turner & Muller (2004) indicam uma relação entre o nível da punição corporal, a raiva dos pais e o desenvolvimento de sintomas depressivos na criança. Diferente da agressividade, que pode ser controlada pelo suporte paterno, a depressão é muito comum em crianças que receberam punição corporal da mãe. É ressaltada também a relação entre a punição corporal e déficits cognitivos na criança (Bugental, Martorell & Barraza, 2002), bem como problemas no desenvolvimento socioemocional (Aucoin, Frick & Bodin, 2006; Bugental, Martonell & Barraza, 2003; Steely & Rohner, 2006; Whiteside-Mansell, Bradley & McKelvey, 2009). Kessenich (2006) aponta uma diminuição das habilidades de aprendizagem e interpessoais decorrentes da punição corporal recebida. Mathurin, Gielen & Lancaster (2006) afirmam que crianças que foram punidas, em geral, são mal ajustadas e instáveis emocionalmente.

Estudos também identificaram a relação entre problemas de comportamento e o recebimento de punição corporal (Afifi & cols., 2006; Khayer, 2003; Hao & Matsueda, 2006; Javo, Ronning, Heyerdahl & Rudmin, 2004; Mulvaney & Mebert, 2007). Um exemplo é o desenvolvimento de comportamentos hiperativos (Franiek & Reichle, 2007). Deater-Deckard, Ivy & Petrill (2006) afirmam que o comportamento afetivo materno pode amenizar os possíveis problemas no comportamento



decorrentes da punição corporal. Os comportamentos antissociais também foram pesquisados em sua relação com o recebimento de punição corporal (Grogan-Kaylor, 2004; Grogan-Kaylor, 2005; Fergusson, Boden & Horwood, 2008). Em uma metaanálise que examinou 88 estudos, Gershoff (2002) analisou comportamentos positivos e negativos associados à punição corporal na infância e encontrou forte associação entre punição corporal e agressão infantil e comportamento antissocial, entre outros

Outros prejuízos do desenvolvimento infanto-juvenil relacionados com a punição corporal foram encontrados em pesquisas: a baixa tolerância à frustração (Gordon, 2006), conflitos familiares, relações sociais negativas (Leary e cols., 2008) e ideias e atos suicidas (Fergusson e cols., 2008). A hipótese de que a violência gera violência é sustentada por Lasford & Dodge (2008), que afirmam que a punição corporal está ligada a maior probabilidade da ocorrência de violência interpessoal. Simons, Burt & Simons (2008) concordam, ao indicar que a violência sexual de adolescentes contra suas namoradas é mais provável quando houve punição corporal durante a infância. Bordin, Paula, do Nascimento & Duarte (2006) afirmam que as vítimas da punição corporal têm uma grande probabilidade de tornarem-se autores da prática no futuro. O abuso e dependência de álcool e substâncias químicas também foram relacionados com a punição corporal recebida na infância (Lau, Kim, Tsui, Cheung, Lau & Yu, 2005; Afifi e cols., 2006).

A disciplina coercitiva ainda é muito aplicada no mundo atual e, portanto, é necessário estudá-la mais profundamente. Desta forma, o objetivo da presente pesquisa foi investigar a percepção acerca das estratégias disciplinares coercitivas utilizadas pelos pais por meio do relato retrospectivo de universitários brasileiros.

## MÉTODO

**Participantes:** uma amostra por conveniência de 400 universitários, ambos os sexos, de diferentes cursos e faculdades, com idades entre 16 e 25 anos.

**Instrumento:** Foi utilizado um questionário dividido em cinco seções: Dados pessoais; Comportamentos errados aos 10 anos de idade; O que seus pais faziam para corrigir seus comportamentos errados; Outras coisas que aconteceram ao corrigir seus comportamentos errados; Suas opiniões sobre disciplina

**Procedimento:** Após contato com professores, apresentação da pesquisa e assinatura de um Termo de Consentimento Informado, os estudantes responderam o questionário de forma anônima e coletiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados revelou uma amostra bastante heterogênea em vários aspectos, apesar de todos serem estudantes universitários, como nota-se a seguir:

**Gênero:** 22% dos participantes são do sexo masculino e 78% do sexo feminino.

**Estados civil:** 55% dos participantes são solteiros, 29% namoram mas não moram junto, 4% moram com o namorado(a), 11% são casados e 1% enquadram-se na categoria "outro".

**Filhos:** 12% dos participantes têm filhos e 88% não têm. Daqueles que têm filhos, 54% têm filhos do sexo masculino e 46% têm filhos do sexo feminino.

**Estado civil dos pais:** 62% são casados um com o outro, 3% não são casados mas estão atualmente juntos, 22% são separados ou divorciados, 2% nunca moraram juntos, 10% já faleceram (ambos) e 1% das mães já faleceram. Dos que afirmaram que os pais não estão juntos ou faleceram.

**Moradia:** 78% dos participantes afirmaram que não havia outros parentes, além dos pais e irmãos, morando junto aos 10 anos de idade. 22% afirmaram que havia (avós maternos, 40%; avós paternos, 10,8%; tios e primos, 36,9%; família dos irmãos mais velhos, 1,5% e outros, 10,8%).



Identificação étnica: 3,5% são orientais, 1,6% são afrodescendentes negros, 11% são afrodescendentes pardos, 82% são brancos, 0,3% são indígenas e 1,6% marcaram a opção “outro”.

Trabalho da mãe dos participantes quando estes tinham 10 anos de idade, 49% tinham trabalho pago em período integral, 11% tinham trabalho pago em período parcial, 36% não trabalhavam fora de casa; 85% dos pais tinham trabalho pago em período integral, 7% tinham trabalho pago em tempo parcial, 2% não trabalhavam fora. Quanto aos pais, 85,1% tinham trabalho pago em período integral, 7% tinham trabalho pago em tempo parcial, 1,7% não trabalhavam fora de casa, 2,3% estavam desempregados e procuravam emprego, 0,3% eram estudantes e 3,6% eram aposentados de casa.

A mãe aparece como a mais presente nas decisões das práticas educativas: 44% dos participantes responderam que a mãe teve muito mais responsabilidade em sua educação, 18% acham que a mãe teve um pouco mais de responsabilidade em sua educação, 31% dizem que os pais dividiam igualmente a responsabilidade, 5% dizem que o pai teve um pouco mais de responsabilidade e 2% pensam que o pai teve muito mais responsabilidade. Foi verificada relação estatisticamente significativa entre o estado civil dos pais e a divisão de responsabilidades na educação dos filhos ( $X^2=55,8$ ,  $gl= 20$ ,  $p<0,001$ ), sendo encontrada maior frequência de responsabilidade da mãe na educação, no caso dos pais separados. Interessante notar a percepção de “disciplina justa” e a relação conjugal dos pais. Foi verificada relação significativa entre o estado civil dos pais e o fato de o estudante achar justa a disciplina utilizada pela mãe ( $X^2= 57,61$ ,  $gl= 20$ ,  $p<0,001$ ), sendo encontrada maior frequência de disciplina justa quando os pais eram casados, de “disciplina mais solta” quando os pais eram separados ou divorciados e de “disciplina muito solta” quando os pais não eram casados, mas viviam juntos. Também foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre a pessoa que fez o papel de pai (pai biológico ou adotivo, padrasto, outro homem, etc.) e a justiça na disciplina dada por ela ( $X^2= 40,36$ ,  $gl=20$ ,  $p<0,05$ ), sendo verificada maior frequência de disciplina “muito solta na educação” dada pelo namorado da mãe.

Interessante para a presente análise a frequência e o tipo das punições corporais que os estudantes receberam da mãe e do pai. A maioria dos participantes relatou que, por volta dos dez anos, havia recebido palmadas, tapas e tabefes da mãe (79%) e do pai (68%), mas somente 2% de estudantes acredita que a utilização desta técnica sempre é correta. Notadamente não foi encontrada diferença significativa entre o grau de educação formal dos pais e a utilização de técnicas coercitivas ( $F=0,78$ ,  $p>0,05$ ), nem tampouco na utilização de punição corporal ( $F=1,41$ ,  $p>0,05$ ), sendo marcante como esse tipo de comportamento dito “educativo” está enraizado em nossa cultura. Ressalta-se que cerca de 35% dos pais dessa amostra possuíam curso superior ou pós-graduação. Em relação a diferentes famílias, foi encontrada diferença significativa entre a identificação étnica e a utilização de técnicas coercitivas pela mãe ( $F=5,26$ ,  $p<0,001$ ) e pelo pai ( $F=3,53$ ,  $p<0,05$ ), sendo o escore de utilização de práticas coercitivas de famílias orientais maior do que o de outras etnias.

Quanto à disciplina recebida pela mãe, 11,4% dos participantes afirmaram que era frequentemente “muito rígida”, 19,9% afirmaram que era às vezes muito rígida, 63,2% afirmaram que era justa, 4,6% disseram que era às vezes “muito solta” e 1% que era frequentemente muito solta. Quanto à disciplina recebida pelo pai, 14,8% dos participantes afirmaram que era frequentemente muito rígida, 21% afirmaram que era às vezes muito rígida, 49,8% afirmaram que era justa, 7,9% disseram que às vezes muito solta e 6,5% que era frequentemente muito solta. É notório o fato de a mãe utilizar comportamentos coercitivos com maior frequência do que o pai. Apenas 21% dos participantes afirmaram nunca ter recebido palmadas, tapas e tabefes da mãe; por outro lado, cerca de 5% foram agredidos desta forma diariamente. Pelo pai, 31% nunca foram agredidos e 3% eram agredidos diariamente. Cerca de 45% dos participantes da amostra revelou que recebeu punição corporal com diferentes objetos como raquete, escovas e cintas; esses percentual para o pai cai para



40%. Os estudante relataram que também foram agarrados e/ou chacoalhados pela mãe (40%) e pelo pai (35%) em certas ocasiões e foram obrigados a lavar a boca com sabão por terem dito algo considerado errado u receberam pimenta na boca (13% da mãe e 10% do pai). A maioria dos estudantes não acha correto esses atos extremos de violência, no entanto, para aqueles participantes que acharam tais punições justas e corretas foi verificada correlação significativa entre a frequência do uso de técnicas coercitivas pelos pais e o fato de os estudantes acharem que são eficazes para educar crianças ( $r=0,2$ ,  $p<0,05$ ). Apesar do uso de técnicas coercitivas pelos pais, quase metade dos participantes continuou a emitir o comportamento punido, revelando claramente a sua ineficácia a longo prazo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelaram que a punição corporal era comumente utilizada pelos pais há cerca de dez anos, mesmo punições mais severas, o que caracteriza maus-tratos, como uso de objetos e frequência elevada. É desanimador notar que não há distinção social ou educacional dos pais que utilizam e que não utilizam a punição corporal, revelando um comportamento o que mostra a enorme força cultural das práticas educativas aversivas. Isso traz uma questão importante: como esse comportamento poderá deixar de fazer parte da socialização de uma criança se ocorre a transmissão intergeracional e se a educação formal parece não abordar esse tema?

Como outros estudos, as mães utilizaram a punição corporal e outras técnicas coercitivas mais frequentemente do que os pais, dados que se repetem até os dias atuais. As opiniões dos estudantes revelam crenças muito diferentes acerca de educação de filhos e ausência de compreensão sobre técnicas positivas e coercitivas. Por exemplo, a maioria dos estudantes pensa que é errado fazer uma criança pagar por uma janela quebrada, ignorar o comportamento errado ou limitar as atividades da criança fora de casa como castigo. Mas, muito acham que “palmadas” pode trazer benefícios.

Atualmente, o castigo físico ainda é muito utilizado e polemizado pelo fato de pais acharem que podem decidir o que quiserem na educação dos seus filhos sem que outros ditem leis ou regras. No entanto, esse pensamento encontra-se em transição, em vias de proibição em diversos países e já proibido em outros. A punição corporal é uma forma de opressão e de coerção, e ela, infelizmente, encontra eco favorável na própria estrutura familiar. Todo tipo de agressão é injustificável, tanto do ponto de vista ético, moral, social, humano, quando psicológico e científico. Ela simplesmente perpetua um círculo vicioso no qual o agredido pode passar a tornar-se agressor. Para diminuir a violência do mundo também é preciso começar na própria família e isso pode ser feito com o uso da Disciplina Positiva (Weber, 2011). Muitas vezes os próprios profissionais tem dificuldade em perceber a negatividade da própria história de vida e temem em discordar da “palmada”, ainda tão utilizada pelos pais que repetem *ad infinitum*: “Eu apanhei e hoje sou uma pessoa de bem. No entanto, é preciso prestar atenção aos que dizem a maioria absoluta das pesquisas sobre o tema, pois enquanto não forem encontrados benefícios para a palmada, nenhum profissional da educação e da psicologia pode ter a responsabilidade de recomendar o seu uso.

## REFERÊNCIAS

- Afifi, T.O., Brownridge, D.A., Cox, B.J., & Sareen, J. (2006). Physical Punishment, Childhood Abuse and Psychiatric Disorders. *Child Abuse & Neglect*, 30(10), 1093-1103.
- Aucoin, K.J., Frick, P.J., & Bodin, S. D. (2006). Corporal punishment and child adjustment. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 27(6), 527-541.
- Berlin, L.J., Ispa, J.M., Fine, M.A., Malone, P.S., Brooks-Gunn, J., Brady-Smith, C., Ayoub, C., & Bai, Y. (2009). Correlates and consequences of spanking and verbal punishment for low-income



- White, African American, and Mexican American toddlers. *Child Development*, 80, 1403-1420.
- Bettner, B.L. & Lew, A. (2000). Talking to parents about hitting. *Journal of Individual Psychology*, 56, 110-114.
- Bordin, I.A.S., Paula, C.S., Nascimento, R., & Duarte, C.S. (2006). Severe physical punishment and mental health problems in an economically disadvantaged population of children and adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, 290-296.
- Bugental, D.B., Ellerson, P.C., Lin, E.K., Rainey, B., Kokotovic A., & O'Hara N., (2002). A cognitive approach to child abuse prevention. *Journal of Family Psychology*, 16, 243-258.
- Cornet, J. (1997). *Faut-il battre les enfants?* Paris: Hommes et Perspectives.
- Deater-Deckard, K., Ivy, L., Petrill, S.A. (2006). Maternal warmth moderates the link between physical punishment and child externalizing problems: A parent-offspring behavior genetic analysis. *Parenting: Science and Practice*, 6, 59-78.
- Delgado, J.B., & Miranda, S. (2007). Actitud crítica hacia el castigo físico en niños víctimas de maltrato infantil. *Universitas Psychologica*, 6(2), 309-318.
- Fergusson, D.M., Boden, J.M., & Horwood, L.J. (2008). Exposure to childhood sexual and physical abuse and adjustment in early adulthood. *Child Abuse & Neglect*, 30(10), 607-619.
- Frias-Armenta, M (1999). Law, psychology, family relations and child abuse in Mexico. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 60 (4-B): 1913.
- Gershoff, E.T. (2002). Corporal punishment by parent and associated child behaviors and experiences: a Meta-Analytic and Theoretical Review. *Psychological Bulletin*, 128(4), 539-579.
- Gordon, H. (2006). Capital punishment and psychiatry. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 6(3), 273-275.
- Grogan-Kaylor, A. (2004). The effect of corporal punishment on antisocial behavior in children. *Social Work Research*, 28(3), 153-162.
- Hao L., & Matsueda, R.L. (2006). Family dynamics through childhood: A sibling model of behavior problems. *Social Science Research*, 35, 500-524.
- Harper FWK, Brown AM, Arias I, Brody G. Corporal Punishment and Kids: How Do Parent Support and Gender Influence Child Adjustment? *Journal of Family Violence*. 2006;21(3):197-207.
- Javo, C., Ronning, J. A., Heyerdahl, S., & Rudmin, F. W. (2004). Parenting correlates of child behavior problems in a multiethnic community sample of preschool children in northern Norway. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13, 8-18.
- Jones, D. J.(2000). Maternal and Paternal parenting during adolescence: Forecasting early adult psychosocial adjustment. *Adolescence* Fall.
- Kerka, S. (2000). Parenting and Career Development. *ERIC Digest* No. 214. ERIC Clearinghouse on Adult, Career, and Vocational Education, Columbus, OH.
- Kessenich, A. (2006). The impact of parenting practices and early childhood curricula on children's academic achievement and social competence. *Dissertation Abstracts International*.
- Khayyer, M. (2003). Perceived locus of control as a function of parental physical punishment among a group of Iranian children. *Psychological Report*, 93(1), 288-90.
- Lansford, J.E., & Dodge, K.A. (2008). Cultural norms for adult corporal punishment of children and societal rates of endorsement and use of violence. *Parenting: Science and Practice*, 8, 257-270.
- Lau, J.T.F., Kim, J.H., Lau, M., & Tsui, H.Y. (2003). Prevalence and risk behaviors of Chinese men who seek same-sex partners via the Internet in Hong Kong. *AIDS Education and Prevention*, 15(6), 516-528.
- Leary, C., Kelley, M., Morrow, J.A., Mikulka, P. (2008). Parental use of physical punishment as related to family environment, psychological well-being, and personality in undergraduates. *Journal of Family Violence*, 23, 1-7.



- Martorell, G.A., & Barraza, V. (2003). The hormonal costs of subtle forms of infant maltreatment. *Hormones and Behavior*, *43*, 237–244.
- Mathurin, M.N., Gielen, U.P., & Lancaster, J. (2006). Corporal Punishment and Personality Traits in the Children of St. Croix, U.S. *Virgin Islands. Cross-Cultural Research*, *40* (3), 306-324
- Mulvaney, M.K., & Mebert, C.J. (2007). Parental Corporal Punishment Predicts Behavior Problems in Early Childhood. *Journal of Family Psychology*, *21*(3), 389–397
- Nelson, D.A., & Coyne, S.M.J. (2009). Children's intent attributions and feelings of distress: associations with maternal and paternal parenting practices. *Abnormal Child Psychology*, *37*(2), 223-37
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editorial Psy.
- Simons, L. G. & Burt, C.H., & Simons, R.L. (2008). A test of explanations for the effect of harsh parenting on the perpetration of dating violence and sexual coercion among college males. *Violence and Victims*, *23*, 66-82.
- Skinner, B.F. (1953/1976). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora Ltda.
- Steely, A.C., & Rohner, R.P. (2006). Relations between corporal punishment, parental acceptance, and psychological adjustment in Jamaican youths. *Cross-Cultural Research*, *40*, 268-286 .
- Straus, M. & Stewart, J.H. (1999). Corporal punishment by American parents: National data on prevalence, chronicity, severity, and duration, in relation to child and family characteristics. *Clinical Child and Family Psychology Review*, *2*, 55-70.
- Straus, M.A. (2000). Corporal punishment and primary prevention of physical abuse. *Child Abuse & Neglect*, *24*(9), 1109-1114.
- Straus, M.A., Douglas, E. M. & Medeiros, R. A. (2014)5. *The primordial violence: Spanking children, psychological development, violence and crime*. New York: Routledge.
- Straus, M.A. (2001). Corporal punishment and primary prevention of physical abuse. *Child Abuse and Neglect* *24*, 1109-1114.
- Straus, M.A., Douglas, E.M., & Medeiros, R.A. (2014). *The primordial violence: Spanking children, psychological development, violence and crime*. New York: Routledge.
- Turner, H.A., & Muller, P.A. (2004). Long-Term Effects of Child Corporal Punishment on Depressive Symptoms in Young Adults: Potential Moderators and Mediators. *Journal of Family Issues*, *25*(6), 761-782.
- Ulman, A. & Straus, M. A. (2003). Violence by children against mothers in relation to violence between parents and corporal punishment by parents. *Journal of Comparative Family Studies* *34*, 41-60.
- Weber, L.N.D., Viezzer, .P. & Brandenburg, o. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia*, *9*(2), 227-238.
- Weber, L.N.D., Viezzer, A.P., Brandenburg, O.J. & Zocche, C.R.E. (2002). Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência. *Psico-USF*, *7*(1), 157-167.
- Weber, L.N.D. (2011). *Eduque con cariño*. Lisboa: Editorial Juruá.
- Whipple, E.E & Richey, C.A. (1997). Crossing the line from physical discipline to child abuse: How much is too much? *Child Abuse and Neglect*, *21*, 431-444.
- Whiteside-Mansell, L., Bradley, R.H., McKelvey, L., & Lopez, M. (2009). Center based early head start: Protective for Children Exposed Family Conflict. *Early Education & Development*, *20*, 942-957.